

A série *Atlanta*: identidade negra e racismo estrutural¹

Viviane ALMEIDA²
Everly PEGORARO³

Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná – Unicentro, Guarapuava, PR.

RESUMO

A pesquisa aborda como a narrativa seriada *Atlanta* representa os posicionamentos identitários e os lugares sociais delegados ao jovem negro. A narrativa acompanha o jovem negro Earnest Marks, que abandonou os estudos para tentar fazer sucesso na cena musical da cidade de Atlanta (EUA) e se tornou empresário de seu primo Alfred, conhecido como Paperboy. O personagem lida com múltiplos pontos de vista sobre raça, paternidade, violência e fama. A escolha deu-se com o objetivo de refletir sobre a cultura da mídia como espaço de produção de representações e subjetivações, e a metodologia de análise ampara-se em Azubel (2018), para refletir sobre como essa série problematiza a identidade negra e as consequências do racismo estrutural.

PALAVRAS-CHAVE: cultura de séries; representação; identidade; cultura da mídia negro.

O RACISMO ESTRUTURAL E A IDENTIDADE NEGRA NA MÍDIA

Por explorar a violência contra a comunidade negra, a brutalidade policial, a transfobia e o racismo estrutural com um tom humorístico e ácido, a série *Atlanta* (2016), produzida pela FX, é o objeto desta pesquisa. O estudo aborda como a narrativa seriada representa os posicionamentos identitários e os lugares sociais delegados ao jovem negro, amparando-se nos conceitos de representação, identidade, racismo estrutural e cultura de séries. A metodologia de pesquisa é a análise de narrativa seriada, amparada nas obras de Casetti e Di Chio (2013) e Azubel (2018).

As representações da narrativa despertam reflexões sobre temas como raça, paternidade, violência e fama. A escolha dessa produção audiovisual para o estudo deu-

¹ Trabalho apresentado na Intercom - 22º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 8 a 10 de junho de 2023 no IJ06.

² Estudante do 4º semestre de Jornalismo da Unicentro e aluna bolsista de Iniciação Científica 2022-2023 pela Fundação Araucária. – e-mail: vivianealmm@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora do Departamento de Comunicação da Unicentro. E-mail: everlypegoraro@gmail.com.

se com o objetivo de refletir sobre a cultura da mídia como espaço de produção de representações e subjetivações, por meio da relação identidade negra e as consequências do racismo.

A narrativa acompanha um jovem negro, chamado Earnest Marks (Donald Glover), que abandonou os estudos para tentar fazer sucesso na cena musical da cidade de Atlanta (EUA) e se tornou empresário de seu primo Alfred (Brian Tyree Henry), conhecido como Paperboy. Após selar essa parceria, Earn encontra diversos desafios como empresário. Ao longo do caminho, o personagem lida com múltiplos pontos de vista sobre arte, comércio, raça, hip hop. Mesmo sendo o principal da trama, ele é introvertido e raramente deixa suas fraquezas transparecerem, porém, ao tentar escondê-las, acaba se autossabotando e deixando-as controlá-lo. A aparência despreocupada do personagem é rapidamente interpretada como um disfarce na tentativa de desviar conflitos. As personagens mostram, por meio de suas vivências aparentemente banais, representações sobre as dificuldades de entender suas identidades em um país repleto de miscigenação, mas que construiu suas estruturas de forma segregada. Pode-se entender que o jovem negro em *Atlanta* representa uma geração de pessoas que lutam para superar as desigualdades estruturais e as adversidades que enfrentam em sua vida cotidiana.

A história oferece uma perspectiva complexa sobre a experiência negra nos Estados Unidos. Na série, ser negro significa ter que lidar com a falta de oportunidades econômicas, a violência policial e a discriminação racial em diversas esferas, desde a procura por emprego até o acesso a serviços básicos. Além disso, mostra como a cultura negra é muitas vezes marginalizada e estereotipada pela mídia e pela indústria cultural. Em *Atlanta*, também é possível analisar outras maneiras sutis nas quais o racismo está presente, como por exemplo: o racismo institucionalizado, mostrando a forma como a polícia e o sistema de justiça criminal discriminam os negros de maneira sistemática; a discriminação na indústria cultural, possível de perceber quando a comunidade é marginalizada pela mídia e como isso afeta a imagem e a autoestima das pessoas negras; o racismo no cotidiano, com enfrentamentos do dia a dia, desde a procura por emprego até o acesso aos serviços básicos; e outras complexidades da identidade negra.

A narrativa mostra a diversidade das experiências vividas, com personagens que representam diferentes vivências e como isso acaba criando tensões e conflitos dentro da própria comunidade negra. Para esta análise, a cena selecionada faz parte do nono

episódio da primeira temporada, intitulado “Juneteenth” (traduzido no Brasil para Dia da Abolição – 3’28” – 9’30”). As etapas metodológicas da pesquisa são compostas pela decomposição e recomposição das cenas analisadas de acordo com Casetti e Di Chio (2013) e na síntese da análise do episódio (Azubel, 2017), em que os elementos selecionados são personagem e enredo/trama, utilizando-se de da problematização teórica apresentada.

Nesse episódio, Earn e a namorada Vanessa (Zazie Olivia Beetz) vão a uma festa em comemoração ao Dia da Abolição da Escravatura nos Estados Unidos, com o objetivo de ajudar Vanessa em sua carreira, visto que Monique (Cassandra Freeman), que é uma das anfitriãs da festa, é um membro da elite negra da cidade de Atlanta e pode apresentar Vanessa às pessoas certas para melhorar suas circunstâncias de vida. Os anfitriões são um homem branco e uma mulher negra. Os funcionários do local são todos negros e a banda contratada também. No decorrer do episódio, Earn passa por situações desconfortáveis, incluindo os nomes dos drinks servidos (Suco do Dia da Abolição, Frozen Margarita Liberdade, Ponche da Emancipação e Veneno do Capataz), mas grande parte das situações são causadas por Craig (Richard Holmes), que é o homem branco anfitrião da festa. Na cena escolhida, Earn é questionado sobre o fato de nunca ter ido à África (já que Earn é negro, Craig acredita que ele obrigatoriamente deve conhecer seus antepassados) e não saber quem são os seus ancestrais. Além disso, Craig tenta o tempo todo provar que entende tudo sobre identidade negra e sobre o que as pessoas dessa raça sofrem e passam diariamente. O episódio em si é um reflexo sobre a negritude apropriada pela branquitude. É possível perceber como Craig estudou tanto a vida dos negros a ponto de ver isso como um hobby, tanto que tenta provar o tempo todo que conhece mais a luta negra do que os próprios negros, causando desconforto com Earn e até questionamentos sobre sua identidade.

Como Kellner (2001) explica, o consumo midiático é parte fundamental no cotidiano da sociedade, seja como forma de entretenimento ou como forma de adquirir informações. No entretenimento, surgem as séries, que podem contar uma história fictícia ou trazer problemas sociais. Silverstone (1999) afirma que dependemos da mídia como uma forma de entretenimento e informação, para ver algum sentido nas continuidades e nas intensidades da experiência. Este autor ressalta a importância de estudar a mídia, no movimento dos significados através dos limiares da representação e da experiência.

Na produção midiática analisada, a temática está no racismo estrutural. Um exemplo são as falas e os hábitos pejorativos que tendem a reforçar essa forma de preconceito, mesmo que indiretamente. Pode ocorrer quando se utiliza expressões racistas, mesmo desconhecendo sua origem, como a palavra denegrir, ou quando se desconfia da índole de algum indivíduo por causa da cor da pele. Uma das questões abordadas no produto midiático é a falta de oportunidades de emprego para os personagens. Para Almeida (2018), o racismo começa quando uma pessoa discrimina um negro porque o vê como alguém inútil, ou seja, alguém que não vai lhe dar nenhum retorno, sendo assim, o racista acredita que a raça de alguém interfere na produtividade da pessoa. Isso é a chamada teoria da discriminação por preferência ou da propensão à discriminação, que foi exposta por Gary Becker na obra *A economia da discriminação* (1957). Discutir esse tema é fundamental, por isso a importância de produtos midiáticos como *Atlanta*, ao tratar desse assunto. Muitos dos dramas vividos na série podem ser comparados com qualquer outro grupo de pessoas em busca de sonhos, porém, o racismo estrutural é um personagem paralelo nessa história, o que muda tudo. E que pode ser visto na cena em análise.

Hall (2016) explora a maneira como a ideologia racista e a identidade negra foram usadas para justificar a manutenção do poder colonial. Essa ideologia foi usada para criar uma hierarquia racial, que acaba colocando os europeus brancos no topo e as pessoas de cor no fundo, fazendo com que os últimos fossem vistos como inferiores e incapazes de governar. Além disso, Hall (2016) discursa sobre como essa exploração das pessoas não-brancas persiste na cultura popular e na mídia. Também destaca as maneiras como o racismo se manifesta na vida cotidiana dos negros e a importância de desafiar essas práticas discriminatórias. A série em análise tenta subverter essas estereotipagens midiáticas por meio do humor, em situações que poderiam ser consideradas até mesmo bizarras, mas que ainda representam situações cotidianas do jovem negro.

REFERÊNCIAS

- ATLANTA. **1ª Temporada**. Dirigido Donald Glover, Hiro Murai e Janicza Bravo. Distribuída por FX/Netflix (2016).
- ALMEIDA, Silvio. **Racismo e Economia**. 2018
- AZUBEL, Larissa Lauffer Reinhardt. **Análise fílmico-compreensiva da narrativa seriada: uma proposta metodológica para ler o imaginário em séries de TV**. Revista GEMInIS, São Carlos, UFSCar, v. 9, n. 2, pp.29-45, mai. / ago. 2018.
- BAUMAN, Zygmunt. **A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

- BECKER, Gary. **A economia da discriminação**. 1957
- CASSETTI, Francesco; Di CHIO, Federico. **Cómo analizar un film**. Barcelona: Paidós, 2013.
- ESQUENAZI, Jean-Pierre. **As séries televisivas**. Lisboa: Texto & Grafia, 2011.
- HALL, Stuart. **Cultura e representação**. 1ª ed. Rio de Janeiro: PUC Rio, 2016.
- KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia. Estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. São Paulo: EDUSC, 2001.
- SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia**. São Paulo: Loyola, 2002.